

ÉTICA, BIOTECNOLOGIA E RELIGIÃO: NOTAS NA PERSPECTIVA DE ENGELHARDT JR.

Flaviano Oliveira Fonsêca
Doutorando em Ciências da Religião – PUC-SP
Doutorando em Filosofia – UFPE
phlacido@yahoo.com.br

Resumo: esse artigo apresenta de forma breve alguns conceitos sobre religião, bem como suas imbricações com a ética; em seguida, faz uma excursão panorâmica pelos impactos da biotecnologia na vida das pessoas. Depois, aponta suas implicações no agir humano em duas perspectivas: na perspectiva do utilitarismo contemporâneo e na perspectiva do pensamento ortodoxo cristão. Finalmente, diz que essa questão carece de constante aprofundamento, porque, de um lado, o utilitarismo nos expõe ao risco do vácuo de sentido, e, de outro, o fundamentalismo ortodoxo, que exige uma profissão de fé, fato que se torna limitante quando estão em jogo problemas de natureza ética, aplicada em um mundo que se define cada vez mais como plural.

Palavras-chave: biotecnologia; ética; religião.

Abstract: this article presents briefly some concepts on religion, as well as its implications with the ethics; after that it makes a panoramic excursion concerning the impacts of the biotechnology in the life of people and, later, it points its implications in human acting in two perspectives: one in the perspective of the contemporary utilitarianism, and the other one in the perspective of the Christian orthodox thought, and, finally, it says that this question lacks of constant deepening, that is why in one hand the utilitarianism displays them to the risk of the vacuum of sense, and on the other hand, the orthodox fundamentalism, in turn, demands a profession of faith, fact that becomes a limit when is in game problems of ethical nature, and that will be applied in a world that defines itself each time as more plural.

Keywords: etichs; Biotechnology; religion.

Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante.

Saint Exupéry

Preâmbulo

No presente artigo, esboçaremos, num primeiro momento, uma tentativa de conceituar a religião; num segundo momento, discutiremos algumas questões relativas à imbricação entre religião e ética;¹ num terceiro momento, apontaremos algumas questões práticas relativas às inventividades da biotecnologia e suas conseqüências; num quarto momento, apresentaremos as bases da ética utilitarista radicada no pensamento de J. Bentham e, finalmente, buscaremos nas reflexões de Engelhardt Jr. algumas indicativas de respostas.

Religião: tentativa de conceituações

Da compreensão do fenômeno religioso

Eis uma das tarefas mais exigentes que alguém pode se impor: compreender objetivamente a religião, isso porque se trata, eminentemente, de uma experiência subjetiva. Todavia, apresentaremos alguns conceitos, e como tais, recaem sobre a vida comunitária. Na tentativa de entender essa importante dimensão da vida humana, o estudioso Walter Burkert (1996) afirma que, embora o fenômeno religioso não faça parte do reino das necessidades, mantém-se entre nós desde que o *Homo sapiens sapiens*² existe; isso pode ser comprovado nas civilizações mesopotâmicas, judaica, grega e romana. Nesse contexto, a religião aparece não como um verniz, muito pelo contrário, ela assume um papel estrutural, fomentador de coesão, de unidade e, por vezes, a única força capaz de garantir a permanência e a sobrevivência de um determinado grupo ou cultura.³

Discorrendo sobre a mesma problemática, porém com enfoque diferenciado, em sua obra *História natural da religião*, Hume (2005) define a crença como produto da natureza humana. Ao tratar todas as crenças religiosas como mero produto da natureza humana, ele indica duas explicações distintas para entender a origem da religião. Na primeira tese ele advoga que as pessoas são levadas à crença religiosa pela contemplação racional do universo.; na segunda tese, Hume argumenta que “todas as religiões populares têm início não de uma tentativa de entendimento racional do universo, mas de paixões humanas das mais primitivas e básicas, de instintos naturais como medo e a esperança” (ibid., p. 9). Nesse contexto, dizer que de uma paixão emerge uma expressão religiosa implica acreditar que tal religião nasce do perscrutar as profundezas, dos recônditos

¹ Nesta abordagem, os conceitos de moral e ética foram tomados de forma equivalente.

² *Homo sapiens sapiens* quer significar aquele que não apenas conhece, mas que sobretudo tem consciência do conhecimento que possui, ou seja, sabe que sabe (Mayr, 2005).

³ Para citar um exemplo, isso pode ser comprovado na religião judaica, tendo presente a unidade do povo em torno do monoteísmo vivido e pregado por Moisés no Antigo Testamento da escritura hebraica.

do ser, e isso não se encontra na superfície. Podemos vincular sua gênese a um pathos,⁴ ou seja, uma paixão, quer dizer, algo que atravessa a palavra e que de alguma forma transforma-se em sentimento. Dito de outro modo, essa paixão redundava em atitude, em uma vivência que brota da profundidade do ser do indivíduo ou comunidade.

Nesse sentido, Schleiermacher, em sua obra *Sobre a Religião* (1994), na tentativa de compreender o fenômeno em questão, faz uma distinção entre as preocupações e intenções da metafísica, bem como da moral, quando dirá que a religião se opõe a essas duas. Isso fica patente quando ele afirma: “Os teóricos no âmbito da religião, que se propõem como meta o saber acerca da natureza do Universo e de um Ser Supremo, o qual é Seu criador, são metafísicos [...]. Os práticos, para quem a vontade de Deus é o fundamental, são moralistas” (p. 30). O referido autor insiste na tese de que a verdadeira essência da religião tem permanecido oculta, e, ao abordá-la, começa expondo claramente a oposição em que se encontra a religião em relação à moral e à metafísica. De acordo com o autor de *Sobre a Religião*, a essência da religião não é pensamento nem ação, mas intuição e sentimento.

O esforço de Schleiermacher vai em direção a deixar patente que a praxe é arte, a especulação é ciência, e a religião se configura fundamentalmente como sentido e gosto pelo infinito. A bem de sua tese, “tudo deve partir da intuição, e quem não anseia intuir o infinito não possui nenhuma pedra de toque, e tão pouco necessita de alguma” (p. 35).

Resgatando o pensamento de Burkert (1996), é forçoso entender que o mundo dos fenômenos religiosos configura-se em: ritos formalizados e apropriados à veneração, à prática de ofertas, sacrifícios, votos e preces a entidades superiores, canções, cantos, ensinamentos, de forma que tal posição se aproxima daquilo que é professado pelo cristianismo, ou seja, muitos desses elementos supracitados são constitutivos obrigatórios da religião dos profetas hebraicos e dos cristãos.

Da aproximação entre religião e ética

Na tentativa de aproximarmos a religião da ética, podemos invocar o pensamento de Santo Agostinho (354-430 d.C.). Em sua obra mais importante, *Confissões* (1996), ele aborda a religião como uma relação com o transcendente em duas direções, a saber: uma vertical e outra horizontal. A relação vertical significa que a relação com a divindade se dá num plano de relação de intimidade, subjetiva, pois ela comunica ao coração humano e às consciências os seus preceitos; além disso, a relação horizontal diz respeito ao compromisso de relações fraternas entre os irmãos, ou seja, amar a Deus significa amar o seu semelhante como a si mesmo. Nesse sentido, Agostinho apóia-se nos relatos escriturísticos, remontando assim Os Evangelhos.

Particularmente, podemos citar um texto do Novo Testamento das cartas de São João quando este assevera: “Quem diz que ama a Deus, mas não ama o seu irmão é mentiroso” (1Jo,4,20).⁵ Dessa maneira, age conforme

⁴ Aqui queremos retomar o radical grego pathos, significando: o sentido, o sofrer, e não como desordem ou patológico.

⁵ As referências bíblicas desse texto são da Bíblia de Jerusalém (5.ed. São Paulo: Paulinas, 1991).

o preceito da divindade quem é cúmplice de seu semelhante, e a moral cristã, seguida por Agostinho, diz que somente é capaz de cumplicidade quem vive em atitude de comunhão com Deus, e tal comunhão revela-se através de atitudes, de comportamentos direcionados para fazer o bem “ao próximo”.⁶ Nesse sentido, fica patente que a religião se desdobra, necessariamente, em uma ética, e mais, ela encontra seu fundamento numa práxis; tudo isso pode ser comprovado no programa de atividades do seu fundador.⁷ Nesse caso, religião implica uma práxis virtuosa em defesa da vida em todas as suas manifestações, incluindo a ética. Nesse contexto, a vida é compreendida como o bem mais importante, e, tendo por base o livro da Escritura,⁸ sai das mãos de Deus, e, no âmbito da ciência, por assim dizer, a vida sai das mãos do homem.⁹ Nesse fato está o “milagre” que a Biotecnologia tem operado.

Basta apenas mais algum tempo para que a ciência possua um domínio ainda mais possante sobre todas as espécies vivas do planeta. Essa novidade que emerge dos laboratórios, encontra-se fundamentalmente dirigida para um objetivo: conhecer, desvendar os segredos do código genético, não apenas para contemplá-lo, mas, sobretudo, para decifrá-lo e, eventualmente, modificá-lo.

A problemática da biotecnologia

Quando falamos em biotecnologia, imediatamente outras expressões correlatas se nos apresentam, tais como: genes, biogenética, clonagem, terapia gênica,¹⁰ dentre outras. É natural que todas essas expressões trazem uma realidade própria, ou seja, elas tipificam uma forma de intervenção absolutamente nova que a ciência está operando sobre a natureza, mais propriamente

sobre a natureza humana. Importa notar que a biotecnologia assimilou todos os avanços do mundo tecnológico, direcionando-o sobremaneira, tanto no nível dos conhecimentos, quanto da capacidade de atuação. Conforme Moser (2004, p. 126), no nível dos conhecimentos e dos negócios, a biogenética é “a nova produção industrial à vista [...]. A biotecnologia de ponta não vai entrar diretamente na produção em pequena escala, fruto de processos tidos como naturais, mas vai participar como produção em grande escala, praticamente ilimitada”.

Moser discute que, no bojo dessas questões, algumas inquietações se nos apresentam cada vez mais freqüentes, entre elas: alterar, com maior ou menor profundidade, o código genético é algo que deixa todos

⁶ De acordo com a moral cristã, o próximo é todo aquele que se encontra diante de mim, toda pessoa humana na qual se configura a Imagem e Semelhança do Criador.

⁷ Aqui se refere ao Programa da atividade missionária de Jesus Cristo, que se encontra no Evangelho de Lucas (Lc 4,16-20).

⁸ Escritura, nome dado à Bíblia Sagrada judaico-cristã.

⁹ A vida sai das mãos do homem num segundo sentido de aperfeiçoamento, referindo-se às modernas técnicas de aprimoramento das condições de vida, seja esta humana ou não humana. Cada vez mais se torna freqüente o emprego de altas tecnologias, a exemplo de melhoramento genético, seletividades, terapia gênica, e tantos outros fatores de aprimoramento a vida, distensão da vida – longevidade, dentre outros processos.

¹⁰ Terapia gênica é entendida aqui como manipulação de genes do indivíduo para corrigir defeitos genéticos, controlar padrões ou adicionar elementos visando restabelecer o que já possuiu, ou melhorar o existente. A pergunta que se coloca é a seguinte: até onde mexer nessa estrutura toda?

pensativos, em virtude das imprevisíveis mudanças no nível antropológico. Assinala o autor que, “numa linha de projetar o ser humano para seu futuro. [...] Evidentemente que nem todos os implantes e transplantes têm o mesmo significado, mas alguns irão afetar de maneira mais ou menos profunda todo o modo de pensar ou de agir” (ibid., p. 300) E para ele coloca a questão: “para onde vamos?” (ibid., p. 301). No contexto em que as mudanças supracitadas operam é digno de perguntar: O que significa ser “produzido” em laboratório? Ou ser fruto da reprodução assistida, no caso os bebês de proveta? Em suma, o que significa a natureza humana?

Outras questões dirigidas não mais aos nascituros, mas aos adultos, podem ser formuladas da seguinte forma: um corpo profundamente tocado pelos “cosméticos” (ou seja, pelos expedientes) já mencionados, pode ser considerado “meu” corpo? Até que ponto seres humanos que sofreram profundas transformações são capazes de gerenciar seus pensamentos, suas emoções e mesmo suas vontades? Isso não implica um comprometimento na estrutura do humano? Como encarar tais

questões do ponto de vista da ética e da religião? Para responder a tal problemática, esboçaremos duas possibilidades: uma de base utilitarista e outra fundamentada no pensamento de Engelhardt Jr. (2003).

A ética utilitarista

O utilitarismo é uma ética normativa, fundada pelos pensadores ingleses Jeremy Bentham e J. Stuart Mill, nos séculos XVIII e XIX. O princípio fundamental é expresso pela assertiva: fugir da dor e buscar o prazer (felicidade). Nesse sentido, uma ação é moralmente correta se tende a promover a felicidade, e condenável se tende a produzir a infelicidade. Aqui é considerada não apenas a felicidade do agente da ação, mas também a de todos aqueles afetados por ela. O pensamento utilitarista opõe-se ao egoísmo e também a qualquer teoria ética que considere ações ou tipos de atos como certos ou errados independentemente das conseqüências que possam ter. O utilitarismo, portanto, difere radicalmente das teorias éticas que fazem o caráter de bom ou mal de uma ação depender do motivo do agente. Nesse contexto, é possível que uma coisa boa venha a resultar de uma motivação ruim do indivíduo. Importa ressaltar que Bentham (1979) elegeu o prazer e a dor a causa das ações humanas e as bases de um critério normativo da ação.

Para Bentham (1748-1832), a regra de se buscar o maior prazer possível para o maior número de pessoas devia ter papel primordial na arte de legislar, na qual o legislador buscaria maximizar a felicidade da comunidade inteira criando uma identidade de interesses entre cada indivíduo e seus companheiros.

Ante os fatos que cercam a nossa contemporaneidade, é possível perceber uma profunda identificação entre as forças motoras das nossas ações e os princípios basilares do utilitarismo. O agir ético dos que buscam uma “salvação” nos expedientes da biotecnologia parece que não está tão distante daquilo que preconizavam as máximas de Bentham.

Quanto aos dilemas existenciais, fruto de uma sociedade robotizada, importa dizer que, na maioria das vezes, as respostas encontradas afinam-se em muito com o princípio fundamental de busca de uma felicidade em detrimento da dor e do sofrimento. Isso pode ser observado tanto na vida privada quanto na esfera das políticas públicas.

Ética ortodoxa cristã

Outro tipo de resposta tem como fundamento o pensamento de H. Tristram Engelhardt Jr. (2003), quando afirma que os princípios fundamentais de uma bioética só podem ser encontrados na ética do sofrimento e da santidade. Nesse contexto, a sua obra fundamental, *Fundamentos de Bioética Cristã Ortodoxa*, trabalha a hipótese de que somente tradições religiosas plenamente desenvolvidas seriam capazes de oferecer soluções morais concretas diante de problemas específicos. E mais, os problemas concretos de bioética podem ser resolvidos mediante a revelação divina, sendo a religião fonte de convicções morais inalteráveis. Encetando um posicionamento teórico nesses termos, Engelhardt apresenta os fundamentos ontológicos e epistemológicos para uma bioética que se propõe a enfrentar o reducionismo de uma bioética secular, querendo, ao mesmo tempo, oferecer as bases fundamentais para uma ética cristã. A sua fonte inspiradora é o cristianismo tradicional do primeiro milênio. Sua hipótese, portanto, nutre-se de uma constante referência ao transcendente mediatizado pelo cristianismo institucionalizado na Igreja Ortodoxa. Visto dessa forma, embora haja respeito ao princípio de autonomia da liberdade individual, ele a subordina a uma realidade transcendente ulterior; naturalmente, o autor supracitado reconhece o desafio de empreender tal obra e afirma que “escrever um livro que leva a sério a cristandade tradicional e sua história e sua bioética é ser contracultural” (2003, p. XXV). E acrescenta: “vivemos num mundo amplamente pós-tradicional” (p. XXV). A investida fundamental do autor de *Fundamentos de Bioética Cristã Ortodoxa* vai em direção a declarar a razão¹¹ como incapaz de estruturar e ordenar uma ética universal. E, nesse sentido, o secularismo nos conduziu ao caos ético.

Para superar tal visão, há que se voltar para a humildade e para a graça do Espírito Santo, pois, conforme assevera o autor, “essa espiritualidade é terapêutica e nos liberta das áleas das paixões terrestres” (p. XXV). No cerne de suas reflexões, Engelhardt assevera que “os cuidados sanitários podem absorver nossas energias, nos distrair, nos confundir, ao nos afastar de nossa verdadeira finalidade, a união com Deus” (p. XV). Nesse sentido, ele absorve o modelo do apóstolo São Paulo, e de uma galeria de santos marcados pelo princípio fundamental responsável pela Igreja dos mártires e que teve o seu ícone fundamental na vida dos primeiros apóstolos, os quais asseveram a máxima: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). No bojo dessas discussões surge um questionamento fundamental: é possível uma moral universal sem Deus?¹² Na resposta esboçada pelo autor em questão, fica patente que a felicidade efêmera é preterida em detrimento de uma felicidade eterna. Visto dessa maneira, a bioética está polarizada sobre a libertação de nossos corações, desviando nossa atenção de nós mesmos, a fim de redirecionar nossas energias para a nossa união com Deus. Agir eticamente é adotar o primado da santidade, e, se necessário for, até mesmo enfrentar o sacrifício.

O princípio fundamental presente no pensamento

¹¹ Neste contexto, significa o fracasso inquestionável da RATIO analíticoinstrumental, no entanto podemos aventar outras formas da RATIO. Retomamos essa questão no final do artigo.

¹² Essa questão é retomada nas considerações finais.

Engelhardt (2005, p. XV), é que a bioética do cristianismo tradicional não visa estabelecer normas, mas atuar como terapia, pois nossa união com Deus transcende qualquer lei.¹³ Essa bioética, portanto, é fundamentalmente relacional, ou seja, implica essencialmente a relação de pessoas humanas com as pessoas da Santíssima Trindade. Sendo assim, cuidar da santidade da alma é muito mais importante do que da saúde corporal, objeto da medicina. A saúde fisiológica não pode ser vista como um valor absoluto, e sua ausência foi a causa de muitos santos se elevarem em atitudes místicas.

Conhecimento implica ambigüidades e incertezas

Ora, a experiência tem evidenciado que o conhecimento de que se dispõe ainda é muito limitado. E nesse contexto, diante de muitos procedimentos complexos, pode-se afirmar que apenas algumas conseqüências são conhecidas, e outras tantas são absolutamente ignoradas. Não é possível prever todas as conseqüências.¹⁴ A angústia é muito grande. Visto dessa forma, parafraseando Hipócrates, Joaquim José Ferreira afirma: “que a vida é curta, a arte é longa, a sorte é desigual, a experiência não é segura e o julgamento é difícil”. O que fazer com tanto conhecimento que já se manipula e ao mesmo tempo com tanta imponderabilidade? E como proceder ante os novos experimentos?

Seguramente, o caminho da humildade, a certeza de que há limites e que o avanço dos conhecimentos se dá mediante discussões, diálogos multidisciplinares, reflexões, superação das

arrogâncias científicas, enfim, a persistência nos parâmetros éticos marcados pela sensatez e pela prudência.

Nesse sentido, Anthony Giddens (1977) propõe uma atitude de prudência, uma vez que a própria tecnologia encontrase eivada de incertezas e riscos na mesma medida em que os elimina, e que naturalmente, tais incertezas jamais serão dirimidas com mais progresso. Cremos, portanto, que a prudência se torna uma atitude fundamental ante tais desafios e que se tem muito a aprender, pouco ou nada a comemorar, porém muito a se discutir sob pena de sermos julgados impiedosamente pela história. Nesse sentido, somos forçados a concordar com Osório Goldim (2004, p. 231), quando ele assevera que a “ciência é movimento e incerteza e que riscos, incertezas e ambigüidades não serão eliminados pela ciência”. Na mesma perspectiva, Shakespeare, quando da fala de Hécate, em *Macbeth*,¹⁵ datado de 1606, diz: “Pela força da ilusão do conhecimento e habilidade o homem será lançado em sua confusão, desprezará o destino, desdenhará a morte e elevará suas esperanças além da sabedoria, graça e temor e todos vocês sabem que a certeza onipotente é o principal inimigo dos mortais”. Aqui nos perguntamos: como discernir conhecimento e arrogância científica?

¹³ Aqui pode ser invocado o princípio Paulino de caridade (1 Cor 13) substituindo a expressão caridade por Amor, ampliando e enriquecendo o sentido.

¹⁴ Para exemplificar, temos o famoso caso do jovem norte-americano de 18 anos (Caso Jesse Gelsinger – Hospital da Filadélfia, na Pensilvânia, ano de 1988, nos EUA), que foi submetido a experimentos na condição de cobaia e veio a falecer 4 dias depois de ter sido submetido a um procedimento com as seguintes características; a) os seus familiares não estavam suficientemente informados quanto aos riscos, inclusive de morte iminente; b) a sua enfermidade estava absolutamente controlada; c) o experimento não o beneficiaria; d) ainda não se conheciam todas as conseqüências de tal intervenção (Cf. Moser, 2004, p. 251).

¹⁵ Disponível em: <http://www.mundocultural.com.br> – obras literárias.

Sobretudo quando se trata de pesquisa em seres humanos, há que se ter muito cuidado para que a obstinação em busca do dado científico não venha a impor um grau de invasão superior à capacidade de suporte dos indivíduos em questão. É bom ter presente que a ciência cumprirá sua missão na medida em que se colocar como aliada do ser humano, sem, contudo, agredi-lo, mutilá-lo ou até mesmo transmutá-lo. Em momentos como esses há que se prestar muita atenção à capacidade de suporte de cada vida que se quer manipular ou cuja constituição original se quer alterar.

Esses questionamentos têm ganhado visibilidade e cremos que deverão continuar figurando a ordem do dia em nosso “fazer” científico. Sendo assim, podemos invocar o pensamento de Hans Jonas (1995), em sua obra fundamental *O princípio responsabilidade: ética para a civilização tecnológica*. Percebendo o caminho que a biotecnologia tem percorrido, ele assevera que “as novas formas de ação exigem uma nova ética capaz de regular esses ‘novos’ poderes” (p. 59). O núcleo da bioética de Jonas aponta para uma tomada de posição ante os desafios aventados pelas pesquisas biotecnológicas, e para tanto há que se agir antecipadamente, por precaução, isso porque um erro, em se tratando de estruturas tão complexas, poderá tornar-se irreversível e irreparável. Nesse contexto, em que não se tem conhecimento suficiente e muitas vezes marcado por incertezas, podemos escolher a prudência e a heurística do temor ou, talvez, caso sigamos outro caminho, sejamos vítimas das nossas próprias escolhas.

Considerações finais

O tema em questão é por demais significativo, sobretudo porque a nossa contemporaneidade está mergulhada em avanços biotecnológicos que abandonaram a ordem do discurso e se impuseram na ordem dos recursos. Isso significa dizer que os “expedientes” que unem ciência e tecnologia em torno da questão da vida exigem uma reflexão ética aprofundada. O proposto pela ética utilitarista, com base no pensamento de Bentham (1979), embora esteja presente de forma hegemônica, todavia nos parece insuficiente para dar uma resposta adequada, que satisfaça de pleno direito aos espíritos mais exigentes. Quanto ao pensamento de Engelhardt (2003), no qual ele argumenta em

favor de uma bioética embasada em tradições religiosas amplamente desenvolvidas, alegando que somente assim serão apresentadas soluções concretas para problemas morais específicos e que tais benefícios só se atingem com a força da espiritualidade, cremos que isso tem algumas implicações, a saber: a) a religião, enquanto sistema organizado de culto, doutrinas, símbolos, gestos é um produto antropológico, sem dúvida, que nunca é muito uniforme, aliás, é bastante diverso, como diversas são as culturas e os homens... Nesse contexto, ainda que, no interior de cada religião, os homens aí localizem Deus (entidade suprema) e o compreendam como uma espécie de criador e legislador de vida e de comportamento humano, isso rigorosamente será sempre uma projeção antropológica, ainda que atribuída a Deus. Ao que parece, na suposição de um Deus criador, o máximo que se pode retirar de religião correspondente é que a vida provém de sua criação. Normas éticas específicas dificilmente poderão ser inferidas dessa experiência humana religiosa; b) certamente, a religião é um fenômeno universal, mas resta saber se as compreensões de Deus nela

vigentes são, igualmente, universais, isto é: se o Deus de Maomé, o Deus de Jesus Cristo, o Deus de Sidarta Gautama, o Deus dos hindus, o Deus dos jupis legislam o mundo e o comportamento dos homens da mesma forma, de tal sorte que pudéssemos esperar da(s) religião(s) normas éticas universais. Visto dessa maneira, será mesmo “a razão incapaz de estruturar e ordenar uma ética universal?” O fracasso (desastre) da Ratio analítico-instrumental ou sua insuficiência, hoje inquestionável, não significa um desastre/fracasso da Ratio, mas apenas de uma das suas expressões.

Entretanto, existem outras formas de a Ratio se manifestar, a saber: a razão sapiencial, a razão dialogal, a razão ética, a razão mítica, dentre outras. Nesse sentido, a própria estruturação do ser (ontologia) não será, por ser a última ordem (de organização) dos seres, a instância derradeira de onde a Ratio poderia buscar igualmente uma ética universal? Isto é, na bioética: significando assim mais ontologia e menos teologia? Cremos que seria bastante razoável debruçarmos sobre tais inquietações que pairam nos nossos espíritos contemporâneos.

Finalmente, devemos dizer que estamos diante de questões eivadas de complexidades, exigindo discussões e aprofundamentos, pois respostas aligeiradas incorrem no risco da superficialidade. Se, por um lado, os utilitaristas, ao fugirem da dor e buscarem a felicidade, mesmo que para o coletivo, correm o risco de se tornarem anti-humanos ou até mesmo sanguinários; por outro lado, a bioética de Engelhardt (2003) implica uma profissão de fé, o que a torna limitante. Todavia, trata-se de uma obra empreendida com argúcia e rigor lógico argumentativo, coerente e firme nas suas conclusões. Isso a credencia para ser estudada com presteza e admiração.

Referências

BENTHAM, J. Princípios da Moral e da Legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

BURKERT, W. A Criação do Sagrado. Trad. Victor Silva. Lisboa: Edições 70, 1996.

ENGELHARDT JR. H. T. Fundamentos da Bioética Cristã Ortodoxa Trad. Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2003.

FERREIRA, J. J. Artigo Clássico. In: Revista Médica da Bahia. Jul. 1945. Disponível em www.sbcp.org.br/revista/nbr212/P98.htm. Acesso em: 1 de ago. 2006.

GIDDENS, A. As regras do método sociológico. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

GOLDIM, O. E. Ambigüidade e Incerteza: sua importância na formação médica. 2004. 318f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas). Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HUME, D. História Natural da Religião. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

JONAS, H. O Princípio Responsabilidade: ética para a civilização tecnológica. Barcelona: Herder, 1995.

MAYR, E. Biologia Ciência Única. Trad. Marcelo Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOSER, A. Biotecnologia, bioética: para onde vamos? Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

SCHELEIRMACHER, F. Sobre a Religião. São Paulo: Novo Século, 1994.